

O JOGO DOS TARÔS

O JOGO DOS TARÔS

*Tomo 1, Volume 8, de O Mundo Primitivo, analisado e
comparado com o mundo moderno.*

Antoine Court de Gébelin

PREFÁCIO DE ANDREA VITALI

1ª Edição

Tradução
Lília Palmeira

2023

Court de Gébelin, Antoine: O Mundo Primitivo, analisado e comparado com o mundo moderno. vol. 8, tom. 1, p. 365-410. Paris 1781

Tradução

Lília Palmeira. 2022©

Revisão

Cláudio Carvalho. 2022©

Diagramação

Lília Palmeira

Capa

Cláudio Carvalho

Copyright desta tradução:  SOCIEDADE LAMATRONIKA®

SUMÁRIO

Prefácio.....	12
Introdução.....	26
DO JOGO DOS TARÔS.....	30
ARTIGO I - Alegorias apresentadas pelas Cartas do Jogo de Tarô.....	36
ATOUS.....	39
Nº 0, Zero - O Louco.....	39
Número I - O Lançador de Sorte, ou o Prestidigitador.	41
Números II, III, IV e V - <i>Líderes da Sociedade</i>	43
Rei & Rainha.....	44
Sumo Sacerdote & Suma Sacerdotisa.....	45
Número VII - Osíris Triunfante.....	49
Número VI - O Matrimônio.....	50
Números VIII, XI, XII, XIII - <i>Quatro Virtudes Cardeais</i>	52
Força.....	53
Temperança.....	54
Justiça.....	55
A Prudência.....	56
Número IX - O Sábio, ou o Buscador da Verdade e da Justiça.....	58
Número XIX - Sol.....	60

Número XVIII - A Lua.....	61
Número XVII - A Canícula.....	64
Número XIII - Morte.....	67
Número XV - Tífon.....	69
Número XVI - A Casa-Deus, ou Castelo de Plutão.....	71
Número X - A Roda da Fortuna.....	74
Número XX - Carta mal nomeada como Julgamento Final....	76
Número XXI - Tempo, mal nomeada o Mundo.....	77
ARTIGO II - Os Naipes.....	79
Este jogo é baseado no setenário.....	81
Nomes orientais preservados neste jogo.....	84
ARTIGO III - A maneira de se jogar Tarôs.....	85
ARTIGO IV - O Jogo dos Tarôs considerado como um Jogo de Geografia Política.....	90
ARTIGO V - Afinidade deste jogo com um Monumento Chinês.....	99
ARTIGO VI - Relação deste jogo com Quadrilhas ou Torneios.....	101
ARTIGO VII - Jogos de Cartas Espanhóis.....	103
ARTIGO VIII - Cartas Francesas.....	105
Conclusão.....	111
Aplicação deste jogo para adivinhação.....	113
Apêndice - Estudos sobre os Tarôs e sobre adivinhação pelas Cartas dos Tarôs - Por M. Le C. de M***.....	115
Anexo 1 – Imagens complementares.....	145
Anexo 2 – Fac-símile : Du Jeu des Tarots & Recherches sur les Tarots, et sur la Divination par les Cartes des Tarots, par M. Le C. de M.	147

AGRADECIMENTOS

Como tradutora dessa primeira edição na língua portuguesa, agradeço primeiramente ao meu marido, Cláudio Carvalho pelo apoio, ideias, revisão e edição dessa importante publicação. Agradeço também a Andrea Vitalli por seu Prefácio lançando luz sobre algumas sensíveis questões na criação desse livro por Gébelin. E por fim, aos meus amados filhotes de quatro patas, que apesar da impaciência deles na hora que queriam atenção, eles entendiam também que eu precisava de concentração e calma para levar esse trabalho adiante.



Antoine Court de Gébelin

PREFÁCIO



Era 18 de dezembro de 1471 quando, sem o conhecimento de seu autor, foi publicada a versão em latim de quatorze panfletos herméticos gregos intitulados “*Pimander, seu de potestate et sapientia dei*” (O Pimandro, ou o poder e sabedoria de Deus). O arquiteto desta obra era Marsilio Ficino, um dos mais ilustres humanistas da Itália na época. Ele havia evidenciado no livro como a antiguidade da teologia egípcia tinha sido *fons et origo* (fonte e origem) de outros, tanto pagãos quanto cristãos, estupefatos de admiração por ela: “*Mercurius Trismegistus sum quem singolari mei doctrina et theologica Ægyptii prius et barbari, mox Christiani antiqui theologi ingenti stupore attoniti admirati sunt*” [Eu sou Hermes Trismegisto a quem pela singular doutrina teológica eles pareciam espantados com grande admiração primeiro os Egípcios e bárbaros, então também os antigos teólogos Cristãos].

O livro obteve um sucesso extraordinário com 24 edições em toda a Europa.

Para entender essa resposta do público é necessário destacar o que os humanistas da época pensavam de Hermes, que resumimos através das palavras de Ficino: “Primeiro entre filósofos, ele passou de questões físicas e matemáticas para contemplação do divino; discute pela primeira vez com grande sabedoria sobre a majestade de Deus, a ordem dos demônios, dos eventos das almas. Por esta razão, ele foi chamado de o primeiro dos teólogos; Orfeu o seguiu, enquanto Aglaofemus foi iniciado para as santas verdades por Orfeu, e a Orfeu sucedeu na teologia Pitágoras, que foi seguido por Filolaus, mestre do nosso Platão. Portanto, havia uma única seita de *prisca theologia* (*teologia antiga*), sempre coerente consigo mesma, formada em uma ordem admirável por seis teólogos, iniciada por Mercúrio e concluída com Platão. Quanto a Mercúrio [Hermes] ele escreveu muitos livros sobre o conhecimento das coisas divinas, e nelas, em nome do Deus imortal, que mistérios são oferecidos, que belos oráculos, enquanto fala não apenas como filósofo, mas muitas vezes como profeta cantando o futuro! Foi ele quem previu o fim da *prisca theologia*, o nascimento da nova fé, o advento de Cristo, o julgamento final, a ressurreição da carne, a glória dos abençoados, o suplício dos pecadores”.

Para Ficino, se a *prisca theologia* foi testemunhada por textos bem conhecidos, entre os quais os hinos órficos, as sentenças pitagóricas e oráculos caldeus, ela

gradualmente se desenvolveu nos grandes sistemas de Platão, Plotinus, Proclus, Iamblicus, Porfírio etc.

Portanto, se por um lado o *Pimander* foi considerado como um prólogo na obra de renovação do pensamento filosófico e religioso inspirado por Platão, por outro lado ele já havia sido considerado um ponto de referência de muitos autores cristãos, como Lactâncio (ca. 250 – ca. 317), que o havia colocado entre as Sibilas e os Profetas.

Podemos certamente dizer que o *Pimander* ou *Poimandres*, primeiro tratado dos volumes que fazem parte do complexo *Corpus Hermeticum*, juntamente com os *Asclepius*, (atribuídos a Apuleio de Madaura, c.125-180) e uma série de textos sumários inseridos na obra de Estobeu (sec. V), deve ser considerado o tratado mais completo e coerente do ponto de vista doutrinário, onde a doutrina da salvação está, por um lado, relacionada ao médio e neoplatonismo e, por outro, ao pensamento gnóstico.

Poimandres, interpretado como o “pastor dos homens”, como Cristo foi mais tarde compreendido, é o *Nous*, o intelecto supremo, o Pai, basicamente o próprio Deus. Manifestando-se de improviso ao adepto (Hermes), o conduzirá, fazendo com que caia em um estado de *transe* e através de uma visão mística, para viver o caminho que o levará até Ele. Quase como um Dante sob a orientação de um Virgílio, o adepto se encaminha a uma jornada sideral que, através de uma Cosmogonia, uma Antropogonia (que também é Antropologia), será levado a chegar a uma

Escatologia, onde o homem, regenerado em divindade, ele próprio se tornará um deus.

Estamos diante de uma espécie de dualismo, no qual a dialética luz-escuridão (esta última considerada coexistir com a luz) coexiste desde a origem do universo, na qual a escuridão representa o reino do irracional e a luz aquele do Intelecto. Uma vez que o homem arquetípico, Antropos, é estigmatizado de uma culpa primordial, culpa provavelmente já implícita no Nous, “estar no mundo” é considerado muito mais como uma morte e sua própria existência um mal. Mas, existe uma via de salvação, aquela ensinada por Poimandres a Hermes que se tornou seu porta-voz. A alma do homem, libertada dos sedimentos dos quais se recobriu após a queda de Antropos, pode reunir-se com a divindade, sem atravessar a ponte da morte, tornando-se uma com o Nous. A alma, através de um caminho astral através das sete esferas planetárias tão queridas pela astrologia helenística, alcançará o céu de estrelas fixas, a Ogdoade, onde, reunida com as fileiras dos abençoados lá residentes, se erguerá ainda mais para se tornar deus com o próprio Deus.

Não é difícil vislumbrar em tal caminho o que mais tarde foi assumido pelo Cristianismo: na culpa primordial o pecado original cometido por Adão, e nas sete esferas os sete passos da alma expressando a ascensão do homem através dos graus de seu coração, a fim de alcançar a vida celestial.

A Igreja por expressar Hermes a existência de um único Deus para além da atribuição de nomes, encontrando

semelhança com as palavras de Cristo, fez dele efígie na Catedral de Siena em um pavimento em mármore marchetado juntamente com a Sibila pagã, já preconizando o advento do Salvador. A incrustação de Hermes, feita por Giovanni di Stefano entre 1487 e 1489, nos presenteia com o teólogo entregando com a mão direita um livro aberto a um personagem adornado com uma barba (este último um símbolo de conhecimento) com um turbante na cabeça e com o manto margeado de vermelho (a Sabedoria Oriental), atrás do qual aparece um terceiro personagem, vestido em uma túnica branca (o Ocidente). Sobre o livro aberto se lê: “*Suscipite o licteras et leges Egiptii*”, (Receba as cartas e leis Egípcias). Por outro lado, ele aponta para uma pedra na qual estão gravadas as palavras “*Deus omnium creator secum Deum fecit visibilem et hunc fuit primum et solum quo oblectatus est et valde amavit proprium Filium qui appellatur Santum Verbum*”, (Deus, o Criador de tudo, tornou Deus visível para ele, e esta foi a primeira e única coisa pela qual ele se deleitou e amou grandemente como seu próprio Filho, que é chamado o Verbo Santo).

Enquanto a primeira inscrição deriva de Cícero, a segunda é retirada do *Asclepius*, ambas na mediação do cristão Lactante, que as menciona em suas *Divinæ Institutiones*.

Quando, em 1461, Leonardo da Pistoia, um dos “encarregados da luz” que Cosimo havia enviado ao Oriente para recuperar os tesouros perdidos da literatura grega, trouxe da Macedônia uma cópia do *Corpus Hermeticum*, acreditava-se ter recuperado os escritos

originais do mítico Hermes Trismegistus, o deus Thot ou o Moisés Egípcio, o qual, sob autoridade de antigos autores latinos e alguns Pais da Igreja, foi declarado por Marsilio Ficino certamente contemporâneo de Moisés e mestre do músico Orfeu. Cerca de um século e meio depois (1614), quando Isac Casaubon demonstrou de maneira irrefutável que esses escritos eram datados do século II d.C., tornou-se perfeitamente claro para a maioria dos estudiosos que a grande época da “tradição hermética”, ainda que muito fecunda e estimulante, era baseada em um equívoco não mais sustentável. Mas o “falso documento” (o *Corpus Hermeticum*) havia, entretanto, criado a grande época da utopia mágica renascentista.

A magia, de fato, foi um dos componentes da doutrina hermética, e o próprio Hermes Trismegisto (o três vezes grande) considerado incorporar tanto o espírito quanto as habilidades. No sincretismo romano ao tempo do império, ao deus Hermes foi dado como epíteto o nome grego do deus egípcio Thot, ambos deuses da escrita e da magia em suas respectivas culturas.

O *Asclepius*, baseado na antiga religião egípcia e em seus ritos, afirma existir no universo uma interconectividade entre suas partes: o microcosmo individual é conectado com o macrocosmo do universo, de acordo com uma interdependência entre o homem e as estrelas baseada em leis astrológico-mágicas de simpatia e antipatia. Somente a revelação hermética foi capaz de ajudar a descobrir tais leis, permitindo a realização dessa catarse intelectual capaz de realizar o destino da alma

após a morte e da reencarnação e ascensão ao mundo celeste.

O Prof. Paolo Aldo Rossi escreve a este respeito: “O mago é, como Hermes, aquele cujo poder vem apenas do profundo conhecimento da natureza e do todo, de saber quais são as conexões que ligam as ideias ao mundo. As estátuas, assim como os talismãs, são imagens intermediárias entre os dois mundos capazes de captar as influências dos astros e casar as coisas inferiores com as superiores. Dado que tudo o que acontece embaixo é como o que acontece em cima e o que acontece em cima é como o que acontece embaixo, entre as duas esferas há uma imensa rede de interconexões da qual o mago deve ser capaz de traçar o holograma e, portanto, colocar-se nas condições de poder seguir todos os caminhos que ligam os dois mundos. Deste modo é possível ao mago modificar as influências, se estas forem desfavoráveis, ou remodelar as formas materiais do modo sensível, quando estas tiverem sofrido um processo degenerativo.

E, sob essa técnica, veio cada vez mais a se impor a precisa consciência de que os limites (da ortodoxia doutrinária cristã), fixados por Marsilio Ficino, eram contraditórios à figura e às tarefas de um homem-mago que, agora, tendo entrado na esfera demiúrgica e sentado à direita daquele que reina sobre o fogo, adquiriu a consciência de ser o novo deus. Muitos dos antagonistas de Marsilio não desdenharão recorrer a técnicas absolutamente contrárias à religião cristã e, inclusive, propor (no espírito de Gemisto Pletone) um retorno integral ao paganismo antigo e ao culto dos “demônios”.

Pia philosophia e docta religio se dispersarão gradualmente para dar lugar à magia ou melhor ao desejo do homem de ser absolutamente mestre de si mesmo e da natureza, sem que nada acima dele possa limitá-lo neste sonho de liberdade absoluta.”

Apesar da datação da Hermética por Casaubon ao século II d.C., a descoberta permaneceu restrita aos círculos acadêmicos, de modo que a crença da real existência de Hermes sobreviveu, tanto que o anúncio da descoberta desses textos causou uma sensação em toda a Europa.

Um dos personagens que acreditavam em sua existência era Antoine Court de Gébelin. Nascido na Suíça em 1725, filho de um Pastor calvinista, ele inicialmente seguiu os passos de seu pai, tanto que em 1741 ele entrou no seminário em Lugano para finalmente ser consagrado Ministro do Evangelho Sagrado em 1754. Tendo fixado residência em Paris, ele imediatamente trabalhou em defesa dos fracos (deboli) e perseguidos politicamente da Igreja Reformada. Em 1770 ele se juntou à Loja Maçônica *Les Neuf Soeurs*, que incluía personalidades como Diderot, D'Alembert, Franklin, La Fayette e Danton. Além disso, em 1775 ele foi um dos fundadores da *Ordine dei Filaleti* (*Ordem dos Filaletes*, Amigos da Verdade), uma sociedade secreta formada por maçons e esoteristas, construída sobre as cinzas da Loja *Les Amis Réunis* (*Os Amigos Reunidos*), uma “terceira via” entre a *Ordem dos Eleitos Cohen* e os *Illuminati de Avignon* inspirados no jesuíta Don Antoine Pernety, autor das *Fábulas Egyptiennes et Greques*

devoilées (Fábulas Egípcias e Gregas) e *Dictionnaire Mytho-Hermétique* (Dicionário Mito-Hermético).

Tendo se tornado Censor Real, coisa que surpreendeu muitos devido à sua fé protestante, fundou o *Museu* de Paris, onde muitos *iluminados* se encontravam para conversar sobre literatura, recitar poesia e tocar música, além de realizar diversos experimentos científicos.

Defensor da independência americana, ele escreveu vários libelos em favor da liberdade de pensamento, lutando contra toda a injustiça social. Em seus últimos anos, ele se apaixonou pelas teorias do magnetismo animal de Franz Anton Mesmer. Em 12 de maio de 1784 foi encontrado morto perto de um tubo mesmérico, fato que fez com que seus detratores lhe dedicassem alguns sonetos satíricos em forma de epitáfios, testemunhando a controversa celebridade que ele havia desfrutado ao longo de sua vida.

Antoine, em 1772, havia iniciado uma subscrição pública para a publicação de vários volumes de uma obra monumental intitulada *Monde primitif analysée et comparé avec le monde moderne, considéré dans l'histoire civile, religieuse et allégorique du calendrier et almanach* (Mundo primitivo, analisado e comparado com o mundo moderno, considerado na história civil, religiosa e alegórica do calendário ou almanaque). O sucesso da subscrição lhe permitiu iniciar a publicação no ano seguinte. Os volumes foram publicados ao longo dos anos até 1784, ano de sua morte, em um total de nove volumes. A razão de seu intenso esforço encontra-se em sua maior paixão, a